

ANÁLISE DAS VISUALIDADES E CONTRAVISUALIDADES NAS ARTES VISUAIS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

JÉSSICA BUCHWEITZ FICK¹;
MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Jéssica Buchweitz Fick – Jessicabuchweitz2004@gmail.com

²Maristani Polidori Zamperetti – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da civilização, as imagens se consolidam como um veículo de comunicação e contestação, intensificando-se na atualidade com o avanço das tecnologias. Elas carregam uma forte capacidade de atrair e conectar-se com o espectador, muitas vezes de maneira não consentida. A partir do estudo da imagem, identificamos a cultura visual, as visualidades e contravisualidades que estão associadas ao campo das artes visuais, mas que propõem interações multidisciplinares.

De acordo com ABREU, ALVARÉZ e MONTELES (2019), os estudos das culturas visuais visam refletir sobre o papel social das imagens e sua influência nos princípios culturais, compreendendo como as imagens configuram a visão de mundo e seu impacto nas relações de poder e diferença sobre as visualidades.

A visualidade se difere da imagem, que por sua vez envolve indagações sobre o modo que somos levados a ver, partindo de uma análise do que seria visível, ao que MIRZOEFF (2016) chama de o “direito de olhar”. Tal concepção é abrangente na contraposição de visualidades ligadas a relações de poder, reconhecendo que as imagens induzem, deslocam e provocam visões sobre o mundo. Portanto, conforme ZAMPERETTI e SOUZA (2021), a visualidade opera como fato social que gera o modo de olhar socializado, refletindo que a visão também é influenciada historicamente. Enquanto alguns estudos focam nos dispositivos e técnicas da visão, outros abordam a visualidade como construções discursivas que condicionam os modos de olhar, influenciando como somos levados a ver.

As contravisualidades ajudam a questionar o círculo da homogeneização do olhar, no qual os dispositivos de visibilidade formalizam o que é representável e o que não pode ser visto (ABREU ALVARÉZ e MONTELES, 2019). Nas contravisualidades, busca-se reivindicar o direito de olhar em oposição às visualidades que limitam o que pode ser observado, associadas a sistemas que cerceiam esse direito.

Nesse contexto o projeto “Contravisualidades e Formação docente – emergências e contingências nas práticas pedagógicas em Artes Visuais”, orientado pela professora Maristani Zamperetti, iniciado em 2023 e em vigência atual, busca compreender a presença das visualidades e contravisualidades nas práticas pedagógicas das/os professoras/es de Artes Visuais, a partir de seus relatos, no que tange à importância atribuída às imagens em seus fazeres docentes cotidianos, na qual sua metodologia parte de entrevistas narrativas com os professores licenciados em arte visuais.

Diante do apresentado, este estudo aborda uma análise das visualidades e Contravisualidades nas artes visuais como um recurso de investigação no campo visual, a partir de uma revisão bibliográfica, que tem como objetivo compreender a

relevância e importância do estudo da imagem como fonte pedagógica associada à educação visual, que busca evidenciar a maneira de enxergar o mundo e interpretar os questionamentos sobre o direito ao olhar sob uma perspectiva social.

2. METODOLOGIA

O presente estudo fundamentou-se em revisão bibliográfica, consistindo em uma análise da literatura científica produzida e divulgada sobre o tema. Inicialmente, foi realizada uma leitura dos trabalhos relacionados às palavras-chaves “Visualidades”, “Contravisualidades” e “Artes Visuais”, com publicações a partir do ano de 2018. Em seguida, foram estruturados os eixos temáticos e sintetizados os resultados obtidos a partir dos tópicos tratados na literatura. As publicações relevantes para este trabalho foram encontradas na plataforma Google Acadêmico e no site da Anpap (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As visualidades e contravisualidades podem operar no campo das Artes Visuais como meio estimulante nas reflexões sobre as maneiras sistemáticas que os artefatos visuais estão dispostos ao mundo, incentivando a capacidade de análise crítica sobre a sua interpretação, podendo levantar questões globais dentro da cultura, gênero, política, entre outros. ZAMPERETTI e SOUZA (2021), enfatizam que ao compreender a dimensão política da visualidade ela se converge com a visão crítica das práticas artísticas contemporâneas, que resistem às convenções e à institucionalização da arte. Essas práticas se expandem para modos de existência, revelando formas de torná-los visíveis e expondo o confronto entre visualidades discursivas e relações de poder.

Figura 1: Projeção do coletivo Projetemos em um edifício urbano, exibindo a mensagem "Não existe escola feliz com professores tristes", (2024).



Fonte: Instagram @Projetemos (2024).

O coletivo Projetemos é conhecido por utilizar projeções em espaços públicos como uma forma de intervenção artística. Esta mensagem projetada é

frequentemente associada ao patrono da educação brasileira Paulo Freire, fazendo referência de sua fala na entrevista concedida à TV Cultura em 1993, na qual ele discute temas que já afetavam a educação brasileira naquela época e que permanecem como pauta atualmente. As narrativas que surgem e são acionadas pelas contravisualidades estão ligadas às experiências, às memórias e as relações de saber reconstruídas a partir do cotidiano e dos posicionamentos políticos de resistência (ABREU, ALVARÉZ e MONTELES, 2019).

ZAMPERETTI e SOUZA (2021), também demonstram que a intensa conectividade impulsiona a produção e a circulação de informações na internet de maneira exponencial, evidenciando a disseminação de fake news como parte dos ciclos das pós-verdades, sustentados pela desinformação e, em certos casos, pelo fortalecimento dos mecanismos de controle do conhecimento.

Refletindo acerca deste posicionamento ABREU, ALVARÉZ e MONTELES (2019), também compreendem que não se trata apenas do que podemos aprender com as contravisualidades, mas de até quando ignoraremos as aprendizagens que elas trazem e de como mediar essas experiências. Essas vivências provocam e, ao mesmo tempo, nos levam a refletir sobre as dinâmicas da vida e sobre possíveis transformações nas práticas socioculturais.

Além disso, ABREU, ALVARÉZ e MONTELES (2019), ressaltam que em síntese, as contravisualidades nos ensinam a ampliar a compreensão de escuta e perspectiva sobre o outro. E embora os desafios pedagógicos sejam complexos, elas podem servir como guias para conhecer novas realidades além do senso comum.

4. CONCLUSÕES

Com base nas pesquisas analisadas, conclui-se que as visualidades e contravisualidades exercem uma função fundamental nas artes visuais, fomentando a formação e o aprimoramento do pensamento crítico do sujeito, por meio dos artefatos visuais que o rodeiam na cultura visual e auxiliando na construção da habilidade de interpretar o campo visual. Além disso, percebe-se que as visualidades e contravisualidades suscitam questões essenciais na discussão de sistemas excludentes, promovendo uma compreensão consciente de como esses sistemas estão estruturados na sociedade.

Portanto, elas se demonstram essenciais na era contemporânea, como ferramentas eficazes de aprendizagem. Embora exijam uma análise intricada e minuciosa das questões levantadas, tratam de assuntos relevantes que podem ser explorados nas artes visuais, como os direitos humanos, política, cultura, gênero, poder, educação e outros temas importantes. Desta forma, fortalecem a capacidade dos indivíduos de reconhecer e reivindicar seus direitos, funcionando como um campo de pesquisa que promove a compreensão, reflexão, análise e expressão. Isso potencializa o debate sobre o que nos rodeia e o que é visível, permitindo a autonomia do indivíduo em relação aos artefatos visuais que o cercam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carla Luzia de; ÁLVAREZ, Juan Sebastián Ospina; MONTELES, Nayara Joyse Silva. O que podemos aprender das contravisualidades? In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS**, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 831-846.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 18, n. 4, p. 745, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 30 ago. 2024.

POLIDORI ZAMPERETTI, M.; LOPES DE SOUZA, F. CONTRAVISUALIDADES NA ARTE CONTEMPORÂNEA: Dadosfera em tempos de pandemia. **Revista da FUNDARTE**, v. 52, n. 52, 2022.

PROJETEMOS. Projeção do coletivo Projetemos em um edifício urbano, exibindo a mensagem "Não existe escola feliz com professores tristes". 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAJZ_EKPYHq/?igsh=ZW9xeGJudzlya3Q1. Acesso em: 25 set. 2024.